



ÉTICA DO CUIDADO PARA A PROMOÇÃO DA PAZ

Jilvania Lima dos Santos Bazzo*

Walter Antonio Bazzo**

RESUMO: *Este ensaio pretende refletir sobre a ética do cuidado, visando à promoção da paz. Partindo-se das principais características do homem da natureza em contraposição com o homem civilizado, sob a ótica de Jean-Jacques Rousseau, compreende-se o amor-de-si como um sentimento natural que distingue um do outro. Como preservar os princípios e valores favoráveis à felicidade e ao desenvolvimento da formação humana, evitando a cultura da superficialidade, do consumo e do entretenimento exacerbados? Em que medida o amor-de-si pode contribuir para a sobrevivência do planeta, e das espécies em geral? A partir desses questionamentos, evidencia que um dos grandes desafios da educação será desenvolver atividades que sejam capazes de ativar o amor-de-si, que é inato e natural, cuidando para que ele não se transforme em amor-próprio, ou seja, amor egoísta, além de promover o fluir da vida-abundante. Finalmente, estabelece um nexos entre a filosofia educacional rousseauiana com a perspectiva da educação ambiental contemporânea, que concebe os seres humanos como o próprio planeta Terra, acentuando, no entanto, que se faz necessário investir em ações educativas que revigorem as práticas escolares atuais fortalecidas pela consciência de que o bem-estar não pode ser apenas na dimensão social, mas tem de ser também cósmica, devendo atender aos demais seres da natureza, como as águas, as plantas, os animais, os microorganismos, uma vez que juntos constituem a comunidade planetária, na qual todos se inserem, e sem os quais não haveria vida.*

Palavras-chave: Estado da natureza; Ecologia; Amor-de-si.

PREÂMBULO, OU DA INTRODUÇÃO

Que experiências seriam necessárias para chegar a conhecer o homem natural? E quais são os meios de fazer essas experiências no seio da sociedade? Ao se fazer essas questões, Rousseau (1973) esclarece que ele efetuou alguns raciocínios, arriscou algumas conjecturas, com a intenção de encontrar o ‘verdadeiro’ estado humano. O filósofo genebrino pontua também que outras investigações poderão ir mais longe se utilizada essa metodologia, alertando, no entanto, que não significa uma tarefa fácil chegar ao termo, porque, para ele, é extremamente dificultoso discernir o que há de originário e artificial na natureza atual do homem, assim como conhecer bem um estado que não existe mais, que talvez não tenha existido e, provavelmente, não existirá nunca. Contudo, acredita o autor que, ainda assim, faz-se necessário ter noções justas, para bem avaliar o estado atual dos seres humanos.

É importante registrar, portanto, que o estado de natureza é uma suposição rousseauiana da condição primitiva do homem, na tentativa de sacar as suas características primordiais. Desse modo, delinear um perfil do homem da natureza consiste numa primeira tarefa e visa preparar o solo para o debate acerca da ecologia, de modo amplo, e de modo

* Doutora em Educação, Assessora Pedagógica da Superintendência de Graduação da Universidade Católica do Salvador; Professora do Curso de Letras e Coordenadora da Comissão Multidisciplinar de Estágios das Licenciaturas - COMEL, do Centro Universitário Jorge Amado – UNIJORGE. jilvanials@ucsal.br / comel2007@gmail.com

** Doutor em Educação, Professor do Curso de Engenharia Mecânica da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, e do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da UFSC, bem como Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Tecnológica – NEPET. wbazzo@emc.ufsc.br

específico, discutir o conceito amor-de-si, destacando suas contribuições no campo da educação (ambiental).

Observa-se que, em alguma medida, a criança expressa as características do homem em estado de natureza e que um dos principais funções dos processos educativos seria o prolongamento da experimentação pela criança desse estado. Acredita-se que, quanto mais a *criança* vivenciar a *criança*, melhor será para a construção de uma sociedade, portanto, melhor para a formação dos seres humanos mais saudáveis. Entretanto, um desafio originário dessa premissa seria: Como a educação pode preservar esse sentimento que é vivenciado pela criança?

Segundo Rousseau (1973), a percepção, o desejo e o medo são as primeiras e quase únicas operações da alma humana, até que outras circunstâncias lhe causem novos desenvolvimentos: a propriedade, a moda, a habitação, o trabalho contínuo, a metalurgia, a agricultura, a indústria, as línguas, o comércio, os combates e as guerras são as principais fontes de corrupção e os indícios de saída do estado de natureza para o estado civil. Sem se aprofundar nas questões que atravessam essa discussão, a intenção é, ao desenhar o homem da natureza, encontrar redes de sentidos para a apresentação de proposições que favorecerão o desenvolvimento sustentável, ou seja, os seres humanos, conscientes de seu papel no mundo e das teias de relações estabelecidas entre eles e o mundo, buscarão o equilíbrio entre tecnologia e ambiente, a conciliação entre o desenvolvimento econômico e a preservação ambiental, ainda, a resolução do problema da miséria humana, garantindo portanto as necessidades do presente sem comprometer as futuras gerações na sua existência e no modo de viver harmonioso, isto é, na qualidade de vida e nas condições de sobrevivência.

HOMEM DA NATUREZA E HOMEM CIVIL: DISTINÇÕES E SINGULARIDADES

Na perspectiva de Rousseau (1973), o primeiro sentimento do homem foi o de sua existência; o seu primeiro cuidado, o de sua conservação. Os socorros necessários eram fornecidos pelas próprias produções da terra. O instinto o levou a fazer uso delas. Alternativamente, ele foi experimentando diversas maneiras de existir através da fome e de outros apetites, sendo um deles o convidou para perpetuar a sua espécie. De acordo com Jean-Jacques, era uma espécie de ‘pendor cego’, desprovido de qualquer sentimento de coração e que produzia tão somente um ato puramente animal: satisfeita a necessidade, os dois sexos nunca mais se reconheciam e a cria nada mais representava para a mãe logo que podia passar sem ela.

O homem, ao nascer, experimentava a mesma condição da vida de outro animal, limitada primeiro às puras sensações e aproveitando apenas os dons que lhe oferecia a natureza. Em seguida, foram aparecendo as dificuldades, era necessário aprender a vencê-las: a altura das árvores que o impedia de alcançar os frutos, a concorrência dos animais que também procuravam nutrir-se, a ferocidade dos que queriam a sua própria vida, tudo o obrigou a aplicar-se aos exercícios do corpo. A partir daí, houve necessidade do homem da natureza tornar-se ágil, rápido na carreira, vigoroso no combate. As armas naturais, que são os galhos das árvores e as pedras, brevemente, estavam nas suas mãos. Aprendeu a vencer os obstáculos da natureza, a combater quando necessário os outros animais, a disputar sua subsistência aos próprios homens, ou a se compensar do que era preciso ceder ao mais forte.

Do ponto de vista físico, pode-se afirmar que, de acordo com o filósofo das luzes, o homem da natureza anda de dois pés, serve-se de suas mãos, dirige o olhar para a natureza e mede com os olhos a vasta extensão do céu, sendo uns mais fortes do que outros, alguns menos ágeis do que outros. Eis que, satisfeitas as suas necessidades, sacia-se debaixo de um carvalho, mata a sede no primeiro regato, encontra o seu leito ao pé da mesma árvore que lhe forneceu o repasto. Disperso, entre os outros homens, observa, imita a indústria da Terra e se eleva, assim,

até ao instinto das feras. Mantém uma vantagem em relação aos outros animais, porque cada espécie só tem o seu próprio instinto, e ele, não tendo talvez nenhum instinto que lhe pertença, se apropria de todos, nutre-se ele igualmente da maior parte dos alimentos diversos partilhado entre os outros animais e encontra, por conseguinte, sua subsistência mais facilmente do que qualquer dos outros.

Acostumados desde a infância às intempéries do ar e ao rigor das estações, exercitados no trabalho e forçados a defender nus e sem armas a sua vida e a sua presa contra os outros animais ferozes, ou a escapar da sua perseguição, os homens adquirem um temperamento robusto e quase inalterável: os filhos, trazendo ao mundo a excelente constituição dos pais e fortificando-a com os mesmos exercícios que a produziram, adquirem assim o vigor de que a espécie humana é capaz. Sendo o corpo do homem selvagem o único instrumento que conhece, emprega-o em diversos usos, para os quais, por falta de exercício, os nossos são incapazes. Se tivesse um machado, seu pulso quebraria tão fortes galhos? Se tivesse uma funda, lançaria com a mão uma pedra com tanta força? Se tivesse uma escada, treparia tão ligeiro numa árvore? Se tivesse um cavalo, seria tão rápido na carreira?

Rousseau (1973) acrescenta ainda que não parece que, naturalmente, algum animal faça guerra ao homem fora do caso da sua própria defesa ou de fome extrema, nem testemunhe contra ele essas violentas antipatias que parece anunciarem que uma espécie está destinada pela natureza a servir de pasto a outra.

Do ponto de vista metafísico e moral, ele é um agente livre. Faz escolhas ou rejeita por um ato de liberdade. Entregue pela natureza aos seus instintos, o homem selvagem começará, pois, pelas funções puramente animais. Como se afirmou na introdução desse trabalho, perceber e sentir serão o seu primeiro estado, comuns aos demais animais; querer e não querer, desejar e temer, serão as primeiras e quase únicas operações de sua alma, até que outros acontecimentos lhe causem novos desenvolvimentos.

Ele não é sociável nem escravo, forte, valente e livre. Ele tem ódio mortal ao trabalho contínuo. Não mantém nenhuma correspondência entre ele e os outros homens. Seu coração está em paz e o seu corpo com saúde. Só conhece a moléstia dos ferimentos e da velhice. Os únicos sinais de suas fraquezas, dos quais o homem natural não tem meios para se defender, são os seus inimigos mais perigosos, as debilidades naturais: a infância e a velhice, comuns aos demais animais.

Rousseau observa, em relação à infância, que a mãe, levando o filho consigo por toda parte, encontra muito mais facilidade em nutri-lo do que as fêmeas de muitos animais, as quais são forçadas a ir e vir sem cessar com muita fadiga, de um lado, para procurar o seu próprio alimento e, do outro, para aleitar ou nutrir os filhos. É verdade que, se a mulher vem a morrer, a criança corre o risco de morrer com ela; mas, esse perigo é comum a cem outras espécies cujos filhos ainda estão longe de poderem procurar por si mesmos a própria nutrição. Se a infância é mais longa entre nós, a vida também o é, de modo que tudo é mais ou menos igual nesse ponto, embora haja, sobre a duração da primeira idade e sobre o número dos filhos, outras regras que não fazem parte do tema do *Segundo discurso*, sendo tratado no *Emílio*.

Entre os velhos, que se movimentam pouco e pouco transpiram, a necessidade de alimentos diminui com a faculdade de provê-los; como a vida selvagem afaste deles a gota e o reumatismo, sendo a velhice de todos os males o que menos os socorros humanos podem atenuar, extinguem-se enfim sem se perceber que cessam de existir e quase sem que eles mesmos o percebam. Com tão poucas fontes de males, o homem no estado de natureza não tem necessidade de remédios, e ainda menos de médicos.

Só, ocioso e sempre vizinho do perigo, o homem selvagem deve gostar de dormir e ter o sono leve, como os animais, que pensando pouco dormem, por assim dizer, durante o tempo

que não pensam. Constituindo a própria conservação quase, o seu único cuidado, as suas faculdades mais exercitadas devem ser as que têm por objeto principal o ataque e a defesa, seja para subjugar a presa, seja para se preservarem de ser a de outro animal; ao contrário, os órgãos que não se aperfeiçoam senão pela moleza e a sensualidade devem ficar em um estado de grosseria que exclui em si a espécie de delicadeza; e como os sentidos participam disso, terá o tato e o gosto extremamente rudes, a vista, o ouvido e o olfato mais sensíveis.

As diferenças entre o homem natural e o homem civilizado, primeiramente são as condições de vida. Enquanto o homem da natureza vive uma vida selvagem e o homem civilizado vive uma vida doméstica. Jean-Jacques Rousseau ressalta que se deixar ao homem civilizado tempo para reunir todas as máquinas em torno de si, não se pode duvidar que ultrapasse facilmente o homem selvagem, porém se colocá-los em combate observar-se-á ainda mais uma situação desigual: ponha-os nus e desarmados um diante do outro, e se reconhecerei logo qual é a vantagem de ter sempre as forças necessárias à sobrevivência à sua disposição, de estar sempre pronto para as eventualidades e de se estar sempre, por assim dizer, inteiro.

O homem civilizado tem como inimigos perigosos, dos quais não tem meios para se defender, além daqueles comuns aos demais animais, as moléstias de toda espécie: a extrema desigualdade na maneira de viver, o excesso de ociosidade de uns, o excesso de trabalho de outros, a facilidade de irritar e satisfazer nossos apetites e nossa sensualidade, os alimentos muito requintados dos ricos, que os nutrem com sucos excitantes e os afligem com indigestões, a má nutrição dos pobres, que chega muitas vezes a faltar-lhes, obrigando-os a sobrecarregar avidamente o estômago quando podem, as vigílias, os excessos da espécie, os transportes imoderados das paixões, as fadigas e o esgotamento de espírito, os pesares e as penas sem número que se experimentam nos estados e que perpetuamente arruinam as almas, se configuram em funestos fiadores de que a maior parte dos seus males são da própria obra humana e de que se pode evitá-los quase todos, conservando a maneira de viver simples, uniforme e solitária, que foi prescrita pela natureza.

Há, segundo Rousseau, necessidade de não confundir o homem da natureza com os homens que se tem sob os olhos. A natureza trata os animais abandonados aos seus cuidados com uma predileção que parece mostrar quanto é zelosa desse direito. O cavalo, o gato, o touro, o próprio burro têm em geral um talhe mais alto, uma constituição mais robusta, mais vigorosa, força e coragem nas florestas do que nas nossas casas: perdem a metade dessas vantagens ao se tornarem domésticos, e dir-se-ia que os nossos cuidados em tratar bem e nutrir esses animais só conseguem abastardá-los. O mesmo acontece com o homem: tornando-se sociável e escravo, torna-se fraco, medroso, submisso; e sua maneira de viver mole e efeminada acaba de debilitar, ao mesmo tempo, a sua força e a sua coragem. Não constituem tão grande desgraça para esses primeiros homens, nem principalmente tão grande obstáculo à sua conservação, à nudez, à falta de habitação e à privação dessas inutilidades que o homem civilizado julga tão necessárias.

CUIDAR DO MEIO AMBIENTE É PRECISO, CUIDAR DO HOMEM TAMBÉM É PRECISO: OU POR UMA EDUCAÇÃO DO AMOR-DE-SI

Ao pensar no homem da natureza, conforme levantamento anterior de suas características, observa-se que na primeira infância os seres humanos vivenciam esse estado de ser 'selvagem', isto é, criança. Advoga-se a necessidade de garantir à criança a vivência desse estado *in natura*, através do cuidado que o adulto terá durante o processo de gestação, da preservação da integridade física, da liberdade de escolhas, do uso do corpo para desenvolvimento da força, da agilidade e rapidez, da ociosidade.

Como seria então um processo educativo que preservasse o homem da natureza? Mantendo-se o estado de natureza, estaria possibilitando a construção de princípios e valores favoráveis à felicidade e ao desenvolvimento da formação humana, evitando a cultura da superficialidade, do consumo e do entretenimento exacerbados? Em que medida o amor-de-si pode contribuir para a promoção da paz, a sobrevivência do Planeta e das espécies em geral?

Para responder a essas e outras questões, é necessário entender dois conceitos: *espiritualidade* e *ecologia*. Por espiritualidade, compreende-se como consciência não-dual, consciência de participação, da parte no todo, que na essência é o amor e na prática a solidariedade; considera-se alguém que não se vê separado do outro, da comunidade e do Universo é uma pessoa que despertou para essa dimensão espiritual (CAPRA, 1993). Por ecologia, entende-se que ela se ocupa com a comunidade de vida. A ecologia vive de relações, pois entende que o universo, a comunidade planetária e todos os seres vivem uns pelos outros, com os outros e para os outros, pois tudo tem a ver com tudo em todos os momentos, em todos os lugares e em todas as circunstâncias (BOFF, 2000, 2001, 2003).

Segundo Boff (1999, 2000), a ciência que estuda as relações entre o homem e a natureza se subdivide em: **ecologia ambiental** – preocupa-se, eminentemente, com o meio ambiente para que não sofra excessiva desfiguração, com qualidade de vida e com a preservação das espécies em extinção. Ela vê a natureza fora do ser humano e da sociedade; **ecologia social** – desenvolvimento insustentável, ou seja, insere o ser humano e a sociedade dentro da natureza, e ele é parte e parcela da natureza; **ecologia mental** – chamada também de ecologia profunda critica a visão antropocêntrica, sustentando que as causas do déficit da Terra não se encontram apenas no tipo de sociedade que atualmente temos, mas também no tipo de mentalidade que vigora, cujas raízes alcançam épocas anteriores à nossa história moderna, incluindo a profundidade da vida psíquica humana consciente e inconsciente, pessoal e arquetípica; **ecologia integral** – as partes são partes de um Todo maior, ou seja, a Terra e seres humanos emergem como uma única entidade. O ser humano é a própria Terra enquanto sente, pensa, ama, chora e venera. Os ‘cosmólogos’, vindos da astrofísica, da física quântica, da biologia molecular, advertem que o inteiro universo se encontra em ‘cosmogênese’, isto significa que ele está em gênese, se constituindo e nascendo, formando um sistema aberto, sempre capaz de novas aquisições e novas expressões, por isso é fundamental a paciência com o processo global, dos homens uns com os outros e também com eles mesmos, pois, como humanos, eles estão igualmente em processo de antropogênese, de constituição e de nascimento.

Para o autor da teologia da libertação, a ética necessária atualmente é do cuidado, da compaixão e da responsabilidade que somente é efetiva se tiver como fonte de inspiração uma visão espiritual do mundo, na sua concepção a essência do ser humano reside no cuidado, o que funda a ética mínima que salvaguarda a vida, as relações sociais e a preservação da natureza (BOFF, 1999, 2001, 2003)

REFLEXÕES SOBRE O AMOR-DE-SI

O homem não nasce mau nem bom, porque ignora o que é ser uma coisa ou outra. É potencialmente capaz de constituir-se, pela força da relação entre ele e o meio, em especial da relação homem-homem, em um ser para a vida ou para a morte no sentido de preservar-se ou destruir-se a si mesmo, porque está destruindo o Planeta. Ciente do poder dessa relação, Jean-Jacques Rousseau (1999) sinalizou a sua importância no processo de desenvolvimento humano e estabeleceu os principais cuidados que se deve ter com a criança – o Emílio, no sentido de garantir uma formação capaz de conduzi-lo à felicidade.

Segundo Rousseau (1973), o amor-de-si é o puro movimento da natureza, anterior a reflexão, traduz-se como um sentimento de piedade e autopreservação. No seu entendimento, o amor-de-si é um instinto natural, que, moderando em cada indivíduo a sua atividade, concorre para a conservação mútua de toda a espécie. É ele que o leva sem reflexão em socorro daqueles que se vê sofrer; é ele que, no estado de natureza, faz às vezes de lei, de costume e de virtude, com a vantagem de que ninguém é tentado a desobedecer à sua doce voz; é ele que impede o ‘selvagem’ robusto de arrebatá-la a uma criança fraca ou a um velho enfermo sua subsistência adquirida com sacrifício; é ele que, em vez da máxima sublime de justiça raciocinada (Faze a outrem o que queres que te façam), inspira os homens esta outra máxima de ‘bondade’ natural, bem menos perfeita, porém mais útil, talvez, do que a precedente.

o amor de si, que só a nós mesmos considera, fica contente quando nossas verdadeiras necessidades são satisfeitas, mas o amor-próprio, que se compara, nunca está contente e nem poderia estar, pois esse sentimento, preferindo-nos aos outros, também exige que os outros prefiram-nos a eles, o que é impossível. Eis como as paixões doces e afetuosas nascem do amor de si, e como as paixões odiantas e irascíveis nascem do amor-próprio. Assim, o que torna o homem essencialmente bom é ter poucas necessidades e pouco se comparar com os outros; o que o torna essencialmente mau é ter muitas necessidades e dar muita atenção à opinião. A partir desse princípio, é fácil ver como podemos dirigir para o bem ou para o mal todas as paixões das crianças e dos homens. (ROUSSEAU, 1999, p. 275)

O amor-próprio assim acaba por desalojar o amor-de-si, substituindo o bem intato e sereno que caracteriza este último pelo bem enganoso e ilusório que consiste em obter odioso domínio pessoal sobre outrem. De acordo com essa explicação, Rousseau tende a ver o amor-próprio como, acima de tudo, a fonte de corrupção e sofrimento pessoais, e de perversidade social. Quando ele diz, com frequência, que o homem é bom por natureza, mas corrompido pela sociedade, o que tem em mente é o fato de que o contato social põe em relevo o amor-próprio e amplia a sua influência; uma vez que o contato social destaca o amor-próprio, e uma vez que o amor-próprio é inexoravelmente nocivo e corruptor, Rousseau (1999) considera muito escassas, de fato, as perspectivas para os humanos viverem uma vida fecunda e abundante juntos numa sociedade que exalta o amor-próprio em detrimento do amor-de-si.

Jean-Jacques Rousseau (1973) afirma que é preciso não confundir o amor-próprio e o amor-de-si, duas paixões muito diferentes por sua natureza e por seus efeitos. O amor-de-si é um sentimento natural que leva o animal a velar por sua própria conservação, e que, dirigido no homem pela razão e modificado pela piedade, produz a humanidade e a virtude. O amor-próprio, por outro lado, é apenas um sentimento relativo, factício e nascido na sociedade, que leva cada indivíduo a fazer mais caso de si do que de qualquer outro, que inspira aos homens os males que se fazem mutuamente, e que é a verdadeira fonte da honra. Bem entendido isso, Rousseau acentua que, no estado primitivo, o amor-próprio não existe. Para ele, por razões muito óbvias: cada homem em particular olhando a si mesmo como o único espectador que o observa, como o único ser no universo que toma interesse por ele, como o único juiz do seu próprio mérito, não é possível que um sentimento que teve origem em comparações que ele não é capaz de fazer possa germinar em sua alma. Continua o genebrino, pela mesma razão, esse homem não poderia ter ódio nem desejo de vingança, paixões que só podem nascer da opinião de alguma ofensa recebida. E, como é o desprezo ou a intenção de prejudicar, e não o mal, que constitui a ofensa, homens que não sabem se apreciar nem se comparar podem se fazer muitas violências mútuas para tirar alguma vantagem, sem jamais se ofenderem reciprocamente. Em suma, cada homem, vendo seus semelhantes apenas como veria os animais de outra espécie, pode arrebatá-la a presa ao

mais fraco ou ceder a sua ao mais forte, sem encarar essas rapinagens senão como acontecimentos naturais, sem o menor movimento de insolência ou de despeito, e sem outra paixão que a dor ou a alegria de um bom ou mau sucesso.

Rousseau (1973) esclarece ainda que a razão é a responsável por engendrar o amor próprio, como dito anteriormente, o amor egoísta, que só deseja satisfazer a si mesmo; para ele, é a reflexão que o fortifica, fazendo com que ele se aprisione em si mesmo, não vivendo inteiro como parte inorgânica da natureza, separando-o de tudo que o incomoda e o aflige. As paixões, segundo o autor, se originam, portanto, das necessidades puramente humanas, e o seu progresso dos conhecimentos adquiridos, porque, na sua perspectiva, só se pode desejar ou temer coisas segundo as idéias que se tem delas, ou pelo simples impulso da natureza. Para ele, o homem da natureza, privado da 'sorte de luzes', só experimenta as paixões dessa última espécie, ou seja, da natureza, seus desejos não passam pelas suas necessidades físicas, os únicos bens que conhece no universo são a sua nutrição, uma fêmea e o repouso, sendo os únicos males temidos por ele a fome e a dor. Salienta o autor, que o homem da natureza teme a dor e não a morte, porque jamais o animal saberá o que é morrer. Acredita ele que o conhecimento da morte e dos seus terrores foi uma das primeiras aquisições que o homem fez afastando-se da condição animal.

A compaixão, desse modo, para Rousseau (1973), é uma disposição conveniente a seres tão fracos e sujeitos a tantos males como os humanos. Para ele, é uma virtude tanto mais universal quanto mais útil ao homem que precede nele ao uso da reflexão, e tão natural que os próprios animais dão, às vezes, sinais sensíveis dela. Sem falar da ternura das mães pelos filhos e dos perigos que afrontam para defendê-los, pode-se observar a repugnância que têm os cavalos em pisar um corpo vivo. Um animal não passa sem inquietação perto de um animal morto de sua espécie: alguns lhes dão mesmo uma espécie de sepultura; e os tristes mugidos do gado, ao entrar no matadouro, anunciam a impressão que ele recebe do horrível espetáculo que o comove.

Com paixões tão pouco ativas e um freio tão salutar, os homens, mais ferozes do que maus, e mais atentos em se preservar do mal que podiam receber do que tentados a fazê-lo a outrem, não estavam sujeitos a contendas muito perigosas: como não tinham entre si nenhuma espécie de comércio, e não conheciam, por conseguinte, nem a vaidade nem a consideração, nem a estima, nem o desprezo; como não tinham a menor noção do teu e do meu, nem nenhuma verdadeira idéia da justiça, viviam harmoniosamente integrado à natureza. Segundo o filósofo, é preciso convir, primeiro, que, quanto mais violentas as paixões, mais necessárias são as leis para contê-las: mas, além das desordens e dos crimes que as paixões causam todos os dias entre os homens, mostrarem a insuficiência das leis a esse respeito, seria bom examinar ainda se essas desordens não nasceram com as próprias leis; porque, então, quando estas fossem capazes de reprimi-las, o menos que se deveria exigir delas seria fazer cessar um mal que não existiria sem elas.

Isto posto, necessita-se ainda distinguir, segundo Rousseau (1973), o moral do físico no sentimento do amor. Para ele, o físico é esse desejo geral que leva um sexo a se unir ao outro, seria, neste caso, uma das dimensões do amor-de-si. O moral, por sua vez, é o que determina esse desejo e o fixa sobre um único objeto exclusivamente, ou que pelo menos lhe dá, em relação a esse objeto preferido, um maior grau de energia. Ora, de acordo com a sua compreensão, o moral do amor é um sentimento factício nascido dos costumes da sociedade e está fundado sobre certas noções de mérito ou de beleza e sobre comparações, que o homem da natureza ignora, portanto, deve esse sentimento ser quase nulo para ele: porque, como seu espírito não pode formar idéias de regularidade e proporção, o coração também não é suscetível dos sentimentos de admiração e de amor, os quais, mesmo que não se perceba, nascem da aplicação dessas idéias: ele escuta unicamente o temperamento que recebeu da natureza, e não o gosto que não pode adquirir. Limitado, portanto, somente à parte física do amor, e bastante feliz para ignorar essas preferências que lhe irritam o sentimento e aumentam as dificuldades, o homem deve sentir

menos frequente e menos vivamente os ardores do temperamento, e, por conseguinte, ter entre si disputas mais raras e menos cruéis.

Sendo o amor-de-si instituto de compaixão e autopreservação, como seriam os processos educativos fundados no amor-de-si? Certamente, pelos funestos resultados mencionados anteriormente, as atividades que estimulassem o mérito, a beleza e, por conseguinte, as comparações precisariam ser revistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que, se não cuidarmos do Planeta como um sistema integrado, sendo tomando como ponto de partida a educação dos seres humanos, colocaremos em risco a sobrevivência da Terra e, conseqüentemente, de seus habitantes, incluindo aí a espécie humana. Portanto, discutir sobre o homem, o meio ambiente e a educação, além dessa reflexão, requer também a proposição de indicativos de ação e de indivíduos comprometidos com a sua execução.

Antes de tudo, sem dúvida, projetos que fortaleçam o local e o global, simultaneamente, nas diversas áreas da vida humana, são de extrema importância. Nossa contribuição, por certo, pelas nossas limitações, mas pela nossa crença no encontro de vozes e percepções distintas, se restringe ao campo educacional. Desse modo, abaixo, sinalizo algumas das necessidades básicas para a promoção da paz, do cuidado com a vida:

- é preciso, antes de tudo, como adultos, rever a nós mesmos por processos diversificados e criativos, propiciadores do desenvolvimento da espiritualidade...
- é preciso cuidar das crianças no sentido de preservar o amor-de-si: sentimentos de compaixão e autopreservação...
- é preciso garantir a experimentação da infância pelas crianças, tendo em vista que a infância, do ponto de vista metafórico, é o estado de natureza – é o homem *in natura*...
- é preciso a revisão de nossas práticas escolares cujas centralidades residem em processos educativos que ativam o amor-próprio, porque estimulam a vaidade, a opinião, a comparação e o mérito...

Será difícilimo, se não impossível, conseguirmos preservarmos a Terra se não nos preocuparmos com a formação humana em suas dimensões: física, social, emocional, espiritual entre outras. Cuidar do meio ambiente é preciso, mas cuidar do homem também é preciso. Enquanto estivermos promovendo ações isoladas de ‘salve o Planeta’ e não reversionos o modo de vida no qual estamos sendo (e deixando ser) submetidos, potencializando inclusive os seus efeitos, infelizmente, muitos homens e mulheres pagarão com a sua própria vida a nossa inércia e irresponsabilidade, a exemplo da irmã Dorothy Mae Stang e, mais recente, do Antonio Conceição Reis, até o momento que não existirem mais nenhum sob a face da Terra.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Ecologia social em face da pobreza e da exclusão, em Ética da vida.** Brasília: Letraativa, 2000.

- BOFF, Leonardo. **Ética e eco-espiritualidade**. Campinas: Verus, 2003.
- BOFF, Leonardo. **Princípio de compaixão e cuidado**. Petrópolis: Vozes, 2001. (em colaboração com Werner Müller)
- BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar. Ética do humano - compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CAPRA, Fritjof e STEINDL-RAST, David. **Pertencendo ao Universo**. São Paulo, Cultrix: 1993.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Lourdes Santos Machado. Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 207-326. (Coleção Os Pensadores XXIV)
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, Da educação**. / Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999. – (Paidéia)
- ZOHAR, D. e MARSHALL, Ian. **QS, Inteligência espiritual**. Rio de Janeiro: Record, 2000.